

***Burkinabè Rising:*
Resistência, arte e política em Burkina Faso/África**

Vera Fátima Gasparetto¹



Resenha

BURKINABÈ Rising: the art of resistance in Burkina Faso. Direção de Iara Lee. Caipirinha Records, 2018. (71 min.)

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH - UFSC) na Linha de Estudos de Gênero (EGE), realizou sua pesquisa sobre movimentos de mulheres e feministas em Moçambique. É integrante do Instituto de Estudos de Gênero (IEG/UFSC), Pesquisadora Associada ao Centro de Estudos Africanos – Universidade Eduardo Mondlane. Bolsista Capes. Graduada em Comunicação Social - Jornalismo (UNISINOS-RS), Mestre em Sociologia Política (UFSC).

e-mail: gasparettovera@yahoo.com.br

No ringue da memória, a esperança e o desespero boxeiam.
E a esperança vence a guerra. Nós vamos resistir (...)

*Burkinabè Rising: the art of resistance in Burkina Faso*² (2016), documentário produzido pelo projeto Cultures of Resistance Films, narra acontecimentos contemporâneos e históricos naquele país, localizado na transfronteira entre a África Mediterrânea e a Subsaariana, rodeado por Mali, Níger, Nigéria, Benin, Togo, Gana e Costa do Marfim, e que tem como capital Ouagadougou. No país vivem cerca de 16 milhões de habitantes, sendo um pouco mais da metade mulheres e a grande maioria da população composta de jovens e crianças, com 80% dos habitantes vivendo nas áreas rurais. Sua língua oficial é o francês, mas existem mais de 30 línguas locais faladas no cotidiano.

A independência de Burkina Faso (que significa “Terra de homens íntegros”) foi conquistada em 1960 (década das independências africanas), na luta de libertação contra a França liderada por Thomas Sankara, assassinado por seus aliados em 1987, mas que permanece como uma referência política - fato expresso em diálogos do filme, como “Thomas Sankara, te vingamos”.

Burkinabè, como é carinhosamente chamado, tem um dos menores índices de desenvolvimento humano do planeta, resultante das altas taxa de analfabetismo e de uma expectativa de vida de 54 anos. Em contraste com essa realidade, o país detém reservas de gás natural e recursos minerais. Tendo seguido desde a década de 1990 as orientações econômicas e políticas de organismos como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI), Burkina Faso é aliado da Organização Mundial do Comércio (OMC), da Organização das Nações Unidas (ONU) e da União Africana (UA).

O filme, dirigido por Lara Lee, cineasta brasileira e ativista pela paz, foi realizado no outono de 2016, dois anos depois de uma insurreição popular que levou à destituição de Blaise Compaoré, que governou o país como um autocrata por 27 anos³. Esse movimento em Burkina Faso, ocorrido em 2014, precisa ser visto num contexto internacional e continental mais amplo, pois ocorre num período em que aconteceram vários processos de resistência, como a Primavera Árabe. Alcinda Howana (2013) localiza esse processo insurrecional na “primavera africana”, pois ocorreu em vários países do continente, na esteira de outros movimentos anti-

² O filme foi exibido pela primeira vez em Santa Catarina – SC por iniciativa do projeto “A hora e a voz da mulher no cinema” (UFSC), coordenado pela professora Alessandra Brandão. Agradecimentos especiais aos comentários e trocas com Hélder Pires Amâncio, Ramayana Lira e com as pessoas durante os debates após a sessão.

³ Blaise Compaoré era conselheiro e amigo de Thomas Sankara e foi acusado de assassiná-lo. Em outubro de 2014, fugiu do país, ainda que seu projeto fosse mudar a Constituição para que pudesse ser reeleito.

globalização que aconteceram em diversas partes do mundo, decorrentes da crise mundial de 2008.

Atualmente, Iara Lee, de origem coreana, vive nos Estados Unidos, onde envolveu-se em projetos cinematográficos comprometidos com arte e resistência em várias partes do mundo. Entre seus trabalhos estão os documentários *Synthetic Pleasures* (1995), que trata do impacto da alta tecnologia na cultura de massa; *Modulations* (1998), sobre música eletrônica; *Beneath the borqa* (2001), sobre as mulheres e crianças do Afeganistão; e *The Battle for the Xingu* (2009). Mais recentemente, realizou *K2 and the Invisible Footmen*, gravado no Norte do Paquistão, sobre a situação de seus heróis mais obscuros, carregadores nativos da região que acompanham expedições até o segundo maior pico da Terra, e *Life is Waiting: Referendum and Resistance in Western Sahara*, que observa os 40 anos da ocupação marroquina sobre o Saara e a luta pacífica de seu povo pela autodeterminação num lugar onde o colonialismo nunca acabou. Em 2012, lançou o documentário *The Suffering Grasses: When Elephants Fight It Is The Grass That Suffers*, que examina o conflito da Síria por meio da sua população morta, oprimida e deslocada para os campos de refugiados. Em 2013, realizou o curta-metragem *The Kalasha and the Crescent*, que narra como um movimento indígena no Norte do Paquistão está reagindo aos desafios que sua cultura enfrenta hoje.

A narrativa de sua obra mais recente, *Burkinabè Rising*, trata de questões contemporâneas da África, olhando para Burkina Faso pela porta da arte. A expressão artística como uma janela para questões de interesse da sociedade, com as quais as pessoas se identificam, revelando o potencial de representatividade da arte. Sua construção fílmica é permeada por fatos políticos, históricos e contemporâneos, alinhavados por manifestações artísticas de diferentes matizes. Mostra também os contrastes das paisagens belíssimas do país (entre a aridez e a exuberante vegetação) e do colorido e alegria, das lutas e batalhas de seus habitantes no cotidiano.

O filme evidencia as escolhas da diretora que, na sua jornada pelo país em busca de imagens e da construção de uma narrativa, conheceu artistas, músicos/as, ativistas e pessoas comuns que utilizam-se das tradições artísticas de Burkinabè para expressar seu descontentamento com a situação econômica, política e social. Essas pessoas constroem mensagens de resistência de diferentes formas, além de expressões artísticas e políticas, unidas num processo de *ativismo* e democratização da arte e seu papel nas lutas sociais. Sua opção foi colocar a arte e o ativismo como estratégia narrativa do filme.

Os fios que costuram o social e o cultural, o ético e o estético, o político e o humano são entrelaçados por Lee nas combinações de resistência, mídia e “rua”, ações que são políticas por serem visíveis e audíveis, e por terem acordo de diferentes setores da sociedade, utilizando-se de linguagens que borram as

fronteiras entre arte e política.

A opção da diretora foi pela construção de uma narrativa focada no potencial artístico e educativo e sua capacidade de questionamento, coesão social e produção de resistência a partir de diferentes expressões, como a dança (que une as formas tradicionais às formas contemporâneas), as músicas (cantadas principalmente nas línguas nativas) e o combate político - assim como o rap (conectado com a cena internacional, mas também marcado pelos processos locais), o teatro (ligado ao cotidiano), as performances (que desviam do senso comum das ruas), a pichação (que dá sentido aos muros cinzas), a reciclagem do lixo (a beleza que nasce do lixo, utilizada para a produção e a educação artística), a arquitetura (secular e compartilhada), a produção agroecológica (como resistência aos venenos e aos transgênicos da Monsanto) e a tecelagem (a produção dos tecidos *faso dan fani*, que é um dos símbolos da revolução).

O filme revela o desejo de borrar as injustificáveis fronteiras coloniais, colocando em contato artistas de diferentes territórios, que se conectam com suas línguas locais comuns e uma forma de resistência através da linguagem. Uma dessas línguas é a língua *mbiisi*, como explica no filme o músico Art Melody: “É uma forma de lembrar aos jovens que nossos idiomas e nossas culturas são os nossos tesouros. Nós devemos preservá-los, porque eles são o nosso orgulho, a nossa riqueza”.

O músico Stevo Atambire também canta em *mbiisi*: “Nós sempre tentamos cantar para mudar as coisas dessa forma, mas essas pessoas não ouvem nossas músicas, porque nossa música é como balas para elas! É como se nós disparássemos neles. Os homens da política não gostam da verdade”.

A narrativa evidencia que a cultura de Burkina Faso não é só dos ilustrados e dos letrados: ela se faz das mãos dos artistas do cotidiano, da vida dura, do levantar e lutar. Do “resistir até mesmo quando não se tem nada”. A arte como valorização da tradição, uma ferramenta de questionamento político e que apresenta uma possibilidade de vínculo cultural entre as 60 etnias que compõem o território; também como potência para recuperar o senso de unidade do país para resistir ao neocolonialismo (o colonialismo com outra roupagem). A narrativa contagiante do filme opta por desestabilizar a visão de senso comum sobre o continente, formada de um imaginário de África dos três “Cs”: crises, catástrofes e conflitos (NHAMPOCA, 2015)⁴, ao invés do lugar que é na realidade de vidas, lutas e potências.

Kabunda Badi (2008) considera que o imaginário etnocêntrico sobre a África

⁴ Joaquim Nhampoca é professor do Departamento de Sociologia da Universidade Eduardo Mondlane (Maputo, Moçambique) e esteve na UFSC para o debate “Os três Cs da África (crises, catástrofes, conflitos) e a desconstrução do rótulo”, em 25 de junho de 2015, promovido pelo Núcleo de Identidades e Relações Interétnicas (NUER).

tem sido construído sobre uma série de estereótipos, elaborados a partir do contexto de criação da pobreza, fome, dívida, “ajuda”, “vítima”, dependência, guerra, caos, deficiência. O autor observa que é preciso avançar em direção a novas teorias que superem as definições pessimistas da África. Eis o afropessimismo, baseado em frias estatísticas internacionais, produzidas pelas agências multilaterais e bilaterais, que não levam em conta a amplitude da economia popular em redes de comércio e de solidariedade, ou a história e a cultura de cada país.

As mulheres estão no filme desde o começo, com as falas da atriz Odile Sankara, da promotora cultural Amira Yanogo e da dançarina Blandine Yameogo. As visões sobre e das mulheres estão colocadas de forma transversal, evidenciando suas formas de viver, existir e reexistir nas imagens de suas presenças constantes nas ruas e nos mercados, na agricultura, na sustentabilidade da vida reprodutiva (dois a cada três lares são mantidos por mulheres), na produção da arte e na resistência política. Foram elas que em 2014 pegaram suas colheres de pau e suas vassouras e saíram às ruas em marcha na capital contra o artigo 37, que permitiria a reeleição de Compaoré, e tudo o que ele representava: o empobrecimento, a fome, a miséria, a falta de perspectiva, a luta por energia (água e luz), por trabalho e renda. Uma das entrevistadas diz; “As mulheres estão em transição”, saindo da vida privada e invisível para a vida pública e a cena política, para “sonhar de pé e juntas”.

O filme aborda dimensões de classe, etnia, gênero, geração, território, num contexto de transformações sociais, econômicas e políticas marcadas por uma profunda desigualdade que afeta especialmente as mulheres, jovens e crianças. Os jovens com absoluta falta de perspectiva são os protagonistas da resistência através da cultura. Ainda que seja uma narrativa que escolhe o belo e a potência, não podemos deixar de pensar no que ficou de fora, e também na realidade vivida pela maioria do povo africano, espoliado da sua riqueza econômica pelas transnacionais e seus acordos com os governos locais de plantão.

O poder da cultura e a potência da arte para um trabalho de consciência, como meio de sobrevivência e sustentabilidade, de respeito à diversidade humana e não humana, estão expressos no sincretismo religioso (com predominância de 60% da religião muçulmana), no debate em torno das questões ambientais e climáticas, na defesa da terra e do ambiente em que vivem: “a terra está morrendo silenciosamente”. A reflexão sobre a dicotomia desenvolvimento x natureza presente nas sociedades modernas, o questionamento ao modelo das multinacionais - como Bayer e Monsanto -, o contraponto com a produção agroecológica e o cuidado com a terra são questões que atravessam o filme.

Juventude, arte, educação e resistência formam um quadrante que dá continuidade à luta pela justiça, se utilizando da beleza da dança, do teatro para expressar suas necessidades, mas também uma possibilidade de trabalho e sobrevivência, de geração de renda e uma forma de afirmação política. Uma

juventude que quer ocupar seu lugar no mundo, que quer um futuro diferente e que quer ser escutada: falar e ser ouvida. Assim como em grande parte dos países periféricos no mundo, ser jovem em África é ser um excluído, é estar em estado de espera, um lugar marginal, sem acesso e sem direitos (HOWANA, 2013).

As diferentes experiências estéticas reproduzidas no filme revelam a capacidade de resiliência de viver com o que se tem. Também revelam a valorização do local em diálogo com o global, como é o caso das negociações da música como instrumento político e produtora de unidade (utilizando-se dos idiomas locais e de territórios transfronteiriços), negociações entre as danças tradicionais e a modernidade do *hip hop*. A diversidade dos instrumentos criados na região, inclusive vindos da reciclagem de lixo - que tipo de mensagem deixa? Que é preciso buscar a criação de fissuras no sistema através das linguagens criativas.

Ainda que a opção narrativa deslize para uma certa romantização de Burkina Faso e da realidade, é importante o esforço da diretora de romper com a ideia de uma África dos três Cs: o filme merece ser assistido com todos os sentidos - sentir as similitudes com nossa realidade, com as experiências de resistência que vivemos no Brasil em tempos que nos desafiam a fazer o novo.

O filme também leva a refletir sobre qual África é ensinada nas escolas brasileira, e como é produzida no nosso imaginário? Ainda que as leis 10.639/03 e 11.645/08 tornem obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio, ainda são incipientes a visibilidade e o conhecimento dos saberes africanos (empíricos e acadêmicos) no âmbito da academia brasileira e na formação docente - saberes esses que têm similitudes entre si, mas, acima de tudo diferenças e diversidades.

A arte como resistência e ação na reprodução do cotidiano, não só como catarse mental no fim do dia. A arte que desperta a e esperança, assim como o filme, que me media história, política e arte, revelando a partilha do sensível e o limite tênue entre arte e políticas. Iara Lee, através da sétima arte, vai ao encontro das outras artes, e juntas formam mais uma frente de resistência, como nos incentiva o dançarino Salia Sanou: “Apesar da vida ser dura, nós podemos sempre nos levantar e continuar a lutar”.

Referências bibliográficas

CULTURE OF RESISTANCE. Disponível em:
<https://culturesofresistancefilms.com/burkinabe-rising>. Acesso em: 25 nov. 2018.

HOWANA, Alcinda. *O Tempo da Juventude – Emprego, Política e Mudanças Sociais em África*. Kapiucia Livros e Multimedia Ltda, 1ª ed., 2013.

KABUNDA BADI, Mbuyi. “África en la globalización neoliberal: las alternativas africanas”. In: *Revista Theomai*, N. 17, 2008.

NHAMPOCA, Joaquim. “Os três C’s da África e a desconstrução do rótulo”. In: *Kadila: culturas e ambientes – Diálogos Brasil-Angola*. BOAVENTURA, Ilka e SEVERO, Cristine (orgs.). Editora Edgard Blücher Ltda, 2016, p. 417-426.

RANCIÈRE, Jacques. *A Partilha do Sensível*. Estética e Política. São Paulo: Editora 34, 2005.

Submetido em 27 de novembro / Aceito em 10 de dezembro